

Globalização e pobreza

Josaphat Marinho

Marinho, Josaphat

Marinho, Josaphat

No auge do noticiário sobre globalização, quase não se podia questioná-la. O conceito dela integrava a modernidade, outra expressão intocável. Por mais que se buscasse mostrar, racionalmente, a necessidade de considerar os fatos peculiares à cultura de cada povo, prevalecia o rolo compressor. Era irresistível a generalização de conhecimentos e processos científicos e tecnológicos. Toda limitação a essa tendência de universalismo afigurava-se antiquada, indicativa de atraso. Embora a história demonstre que a civilização é um acúmulo, e não exclusão, de fatores culturais diversos, radicaliza-se a noção de mudança, para suprimir particularidades irrecusáveis.

A realidade, porém, pode mais que o exagero das concepções, ou dos interesses que nelas se escondem. Fenômenos que emanam das raízes da vida de comunidades diferenciadas não se ignoram, nem se afastam por motivos alheios às suas origens. O que é próprio da existência das

nacionalidades ressurgiu sempre, eliminando ou reduzindo influências estranhas. Quando o fator alienígena, sobretudo, corre para estrangular as condições da vida nacional, dificilmente subsiste, ou conquista apoio geral. Até o produto do desenvolvimento científico e tecnológico, facilitando a comunicação e, portanto, o conhecimento das inovações, propicia a resistência aos elementos externos. No mundo de hoje, somente as coletividades demasiado fracas não reagem à dominação desfiguradora.

No caso da globalização, a força econômica pôde expandir os dados da ciência e da tecnologia como meio de padronização da coexistência geral. A impressão inicial, porém, aos poucos, foi ou vem cedendo, diante da apuração de que se criava nova forma de colonização. Mesmo órgãos representativos dos estados, ou que funcionam à sua sombra, passaram a verificar e reconhecer essa deformação. Assim a ONU, nos seus relatórios espe-

cializados sobre a situação dos povos. Também assim o BID, em documento recente, a que o **Correio Brasileiro** deu realce, em página preparada pelos jornalistas Vicente Nunes e Paulo Silva Pinto (28.03). Com fundamento nesse relatório, a matéria coordenada salienta que a globalização "reduziu a renda na América Latina". Quer dizer, ao invés de melhorar as condições de vida no continente, o processo de globalização as enfraqueceu, contribuindo para diminuir a renda. E agora, igualmente, o novo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Horst Koehler, assinala a necessidade de rever a linha da globalização. Expressamente, declarou que a globalização "significa que devemos atentar para o fato de que não é possível que uma parte do mundo esteja ficando cada vez mais rica e outra esteja recebendo apenas uma pequena parte dessa prosperidade". Note-se que não é a palavra de um teórico, de um doutrinador, ou de um político de opinião suspeitada pelo uni-

verso capitalista. Trata-se do juízo de quem vai dirigir o Fundo Monetário Internacional. Logo, insuspeito para ponderação dessa natureza.

Se a muitos países interessa essa mudança de diretriz, convém largamente ao Brasil. Observe-se que a dívida externa brasileira tem aumentado assustadoramente nos últimos anos. Vivemos a pagar juros de uma dívida que não decai. Tanto mais grave é o quadro, por ser grande, também, a dívida social. Enquanto isso, não se eleva o padrão de vida dos economicamente fracos. Neste momento, prossegue a discussão sobre o salário mínimo: se de R\$ 151,00, ou de pouco mais, o que não altera a situação da pobreza. Em verdade, se não houver modificação da estrutura social, e mais equilíbrio entre as nações, os ricos continuarão ricos, e os pobres seguirão carregando sua pobreza.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Bahia e diretor da Faculdade de Direito da Upi.